

Alemanha: um terremoto político

Via [Viento Sur](#)

Quase nenhuma eleição parlamentar federal alterou e abalou tanto o sistema partidário quanto esta. O eleitorado continuou a se fragmentar: nunca antes havia acontecido que o partido com a maior parte do eleitorado atingisse apenas um quinto do eleitorado. Falar de partidos de massa nestas condições é confundir o pensamento desejoso com a realidade; o Partido Social Democrata (SPD) e a União Democrata Cristã (CDU) estão a caminho de se tornarem partidos clientes, assim como o Partido da Liberdade (FDP). É evidente que eles não têm mais nenhuma oferta política a fazer à população em geral.

O SPD, por mais que afirme ser o vencedor nestas eleições, permanece preso no buraco eleitoral no qual afundou após o mandato de Schröder [e a reforma trabalhista neoliberal que ele implementou]. A CDU, por sua vez, é um monte de escombros após a aposentadoria da chanceler que governou durante 16 anos: um balanço e tanto para esta senhora que eles agora elogiam tanto.

Várias crises – crises financeiras e do euro, o debate sobre o acolhimento de refugiados, a turbulência na União Europeia, o desastre no Afeganistão, a crise sanitária, a mudança climática e, naturalmente, a persistente desigualdade social – abalaram a confiança na classe política e mostraram que ela tem pouca capacidade de oferecer respostas duradouras a questões existenciais. Resistir significa: pensar nas gerações futuras, fazer da justiça social o critério decisivo para a política a nível nacional e global.

É bem possível que agora seja formada uma coalizão tripartite, o que também seria uma novidade a nível federal, embora tais

coalizões já existam há muito tempo em vários Länder. Resta saber, é claro, se o SPD assumirá o risco absurdo de governar novamente em coalizão com a CDU.

Em qualquer caso, não importa o quanto a propaganda interessada insista, o resultado destas eleições não representa uma mudança para a esquerda. Não há muita política de esquerda no Partido Verde decepcionado, e o SPD está mantendo suas portas abertas à esquerda e à direita. O partido mais à esquerda entre os partidos relevantes está do lado perdedor; Die Linke tem o pior resultado em seus quinze anos de história e está no mesmo nível de seu antecessor, o Partido do Socialismo Democrático (PDS), que era muito forte na parte oriental da Alemanha.

O fato de um SPD liderado por um dos protagonistas da reforma trabalhista ter conseguido marginalizar Die Linke força o partido a fazer a si mesmo algumas perguntas sérias. Se basta que a social-democracia se mova um pouco para a faixa da esquerda para pôr em perigo a existência parlamentar do Die Linke, é necessário falar sobre isso: sobre a utilidade política do próprio partido para o eleitorado, além de seus apoiadores mais próximos, e se ele é mais do que um mero flanqueador do SPD.

“Transformar o programa para as massas em um movimento de massas é uma tarefa muito difícil nas semanas entre agora e as eleições parlamentares federais”, comentaram após o congresso Die Linke em junho. Este tem sido o caso, e agora é necessário se envolver em um debate sobre os problemas existentes e sobre a relação do partido com seu eleitorado. Porque, com um resultado de 5%, pode-se falar de uma grave crise de relações. Die Linke precisa de um banho para limpar a atmosfera, um debate sobre o conteúdo, sobre sua atratividade entre os jovens e sobre como lidar com as discordâncias internas. Não haverá respostas simples.